

V Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica

23 a 25 de julho de 2017

Grupo de Trabalho 3: Culturas Juvenis na Escola

A promoção de ambientes democráticos no Ensino Médio por meio da
multidocência:

As culturas juvenis em um projeto de cinedebate de Filosofia e Sociologia

Leonardo Marques Kussler (UNISINOS), Leonardo G. Van Leeuwen (UNISINOS)

**A promoção de ambientes democráticos no Ensino Médio por meio da
multidocência:
As culturas juvenis em um projeto de cinedebate de Filosofia e Sociologia**

Leonardo Marques Kussler¹
Leonardo Van Leeuwen²

RESUMO:

As culturas juvenis fazem parte da formação da identidade dos estudantes, entretanto, nem sempre a escola consegue percebê-las e reconhecê-las como parte da formação destes. O presente artigo visa explorar os elementos culturais das juventudes por meio de projetos multidocentes promovidos em ambiente escolar, especialmente o do cinedebate, realizado pelas disciplinas de Filosofia e Sociologia. Uma vez que ambientes democráticos são constituídos por pessoas, deliberações e representações destas, torna-se fundamental que a escola busque estratégias para promover dinâmicas como esta, que põe em prática a transdisciplinaridade e o maior diálogo entre disciplinas de áreas [des]semelhantes. Assim, as atividades do projeto de cinedebate formam um espaço que reconhece as culturas juvenis, vinculando interesses dos jovens e a proposta de desenvolver habilidades e competências almejadas pela instituição educacional, assim como a formação integral de sujeitos. A metodologia da pesquisa é de ordem exploratória e descritiva, com levantamento bibliográfico e relatos de experiências dos encontros. Os principais resultados encontrados mostram um aceno à autonomia, à participação cidadã ativa — dentro e fora do ambiente escolar — e um ensino contextualizado às perspectivas contemporâneas por meio do projeto e da multidocência.

Palavras-chave: Multidocência. Culturas Juvenis. Ambiente Democrático. Ensino de Filosofia e Sociologia.

ABSTRACT:

Youth cultures are part of students' identity formation, however, school cannot always perceive and recognize them as part of their formation. This article aims to explore cultural elements of youth through multi-teaching projects promoted in school environment, especially cinedebate, performed by the disciplines of Philosophy and Sociology. Once democratic environment are constituted by people, deliberations and their representations, it is fundamental that school looks for strategies to promote dynamics such as this, which puts into practice transdisciplinarity and greater dialogue between disciplines of [dis]similar areas. Thus, the activities of cinedebate project form a space that recognizes youth cultures, linking young people's interests and the proposal to develop skills and competences sought by the educational institution, as well as the integral formation of subjects. Research methodology is exploratory and descriptive, with a bibliographical survey, interviews and reports of experience of meetings. Main results shows the way to autonomy, active citizen participation — inside and outside the school environment — and a way to teach

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Bolsista Prosup/Capes. E-mail: leonardo.kussler@gmail.com

² Licenciado em Sociologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. E-mail: leonardoleeuven@gmail.com

contextualized with contemporary perspectives through project and multi-teaching.

Keywords: Multi-teaching. Youth Cultures. Democratic Environment. Teaching Philosophy and Sociology.

Introdução

A experiência que relatamos neste artigo parte de experiências de ensino propostas na Escola Sesi Montenegro, Rio Grande do Sul, no primeiro trimestre de 2017. O objetivo, aqui, é explicitar a atividade de *cinedebate* de multidocência, que associa os componentes curriculares de *Filosofia* e *Sociologia*, com o intuito de explorar e publicizar a proposta local em nível nacional, dialogando com demais docentes da área e enfatizando alguns pontos positivos percebidos na aprendizagem dos educandos até o presente momento e de como tal atividade pode auxiliar na promoção de ambientes e de um clima democrático.

Na primeira seção, abordaremos algumas características físicas e organizacionais da escola, especialmente no que se refere aos projetos de *multidocência*, que são promovidos nas diversas áreas do saber e incentivam um maior diálogo entre os componentes de uma mesma área e/ou áreas diferentes. Adicionalmente, debateremos acerca da promoção do *espírito democrático* por meio de atividade envolvendo vídeos (longa-metragens, curta-metragens, séries, animações etc.), que permite que discussões sejam suscitadas em ambientes com atuação com mais de um educador.

Na segunda seção, explicaremos especificamente a atividade de *cinedebate*, que articula as *culturas juvenis* e reconhece o valor destas no processo de aprendizagem dos educandos e na formação identitária destes. Trataremos, pois, de explicitar o conceito de *culturas juvenis* e mostrar a relação deste com a atividade do *cinedebate*. Assim, exploraremos como a formação da identidade dos educandos se apresenta por meio de expressões culturais que os definem enquanto jovens e acabam auxiliando no processo de aprendizagem cotidiano. Descreveremos, assim, alguns conceitos abordados por meio da discussão na referida atividade, bem como relatos de educandos acerca de temas sugeridos e abordados em meio à atividade.

1. A multidocência promove ambientes democráticos

Neste ano de inauguração da Escola Sesi Montenegro, destacamos que já

dispõe de estrutura ideal para formulação de propostas de ensino integral, de modo que os educandos participam de aulas e projetos do início da manhã ao final da tarde. Assim, desde a apresentação do PPP da escola, no início do ano, nós, enquanto educadores, fomos incentivados a formar projetos e atividades de dupla ou multidocência, englobando docentes de uma mesma área e/ou de áreas diferentes (SESI, 2017). Isso tem ficado mais nítido com o passar dos meses, de modo que os colegas educadores foram inteirando-se e integrando-se, seja dentro ou não da mesma área (Ciências Humanas, Códigos e Linguagens, Ciências da Natureza, Matemática) e/ou de componentes presentes em uma mesma área.

A multidocência, especificamente, significa ter mais de um educador lecionando juntamente, dentro ou fora do ambiente de sala de aula formal. Dentro dessa perspectiva, foram desenvolvidos inúmeros projetos com educadores de componentes de uma mesma área e/ou de áreas diferentes do saber. Esse tipo de atividade consegue articular inúmeros aspectos que contribuem para melhor convivência entre educandos e educadores, pois mostra, na prática, o espírito de congregação e integração entre as mais variadas áreas do saber. Essa metodologia desafia os educandos a partir de situações-problema de modo que estes resolvam questões e articulem mais competências, que envolvem conteúdos mais complexos e contínuos.

Adicionalmente, a proposta de *ensino integral*, que possibilita que projetos assim tomem forma, também mostra-se no horizonte da promoção de ambientes mais plurais, democráticos, que respeitam maior variedade de discursos. A noção de *formação/aprendizagem integral* fomenta não apenas a possibilidade de os educandos desenvolverem-se em tempo integral na escola, mas possibilita que os educadores e a equipe diretiva conheçam plenamente estes e promovam atividades para enriquecer suas potencialidades.

Outro aspecto da multidocência é proposto pelos educadores articuladores, que atuam como um tipo de *orientador acadêmico*, porém, com foco que não se limita à esfera da pesquisa, mas também aos conselhos de âmbito pessoal, emocional etc., com fito em promover *projetos de vida* dos educandos. Assim, o projeto de articulação promove maior contato, vínculo, confiança, incentivo e troca entre os educadores e respectivos *articulandos*, que são orientados e supervisionados por seus *articuladores* em assuntos diversos. Como proposta fundamental da escola, os articuladores acompanham a trajetória escolar dos

educandos, aconselhando-os, ouvindo-os, dialogando com estes com vistas à resolução de problemas e planejamentos de sonhos pessoais, profissionais, existenciais (SESI, 2016).

Porém, qual a relação direta da multidocência e dos aspectos da articulação na promoção da democracia? Pensando no conceito de democracia para além de seu contexto de organização de um Estado, podemos observar elementos da democracia em tudo que abre portas para o *diálogo*, a *tomada de decisões*, a *identidade* de cada educando no espaço escolar (MOREIRA, 2013). Os princípios democráticos aqui aventados abarcam a participação de membros sociais, especialmente no que se refere ao diálogo intraescolar, que permeia a proposta de dupla ou multidocência. Entre os educadores, obviamente, também há maior diálogo no processo de *planejamento conjunto de atividades*, por exemplo, que permite que mais de um docente avalie atividades e proponha variadas resoluções para estes problemas.

Em uma escola com distintas áreas do conhecimento e inúmeros componentes dentro de cada uma delas, é extremamente relevante o processo de *docência compartilhada*. Em primeiro lugar, compartilhar saberes enriquece cada componente, pois promove uma *pedagogia diferenciada*, que reorienta e recoloca educandos em atividades mais fecundas para eles mesmos (PERRENOUD, 2000). Além disso, com uma proposta de docência que compartilha saberes, práticas e experiências, parte-se de um pressuposto que desmistifica e reescreve o percurso do professor enquanto figura de *poder disciplinador*, como retrata Foucault (1989), pois o coloca em uma posição de maior abertura, própria de ambientes democráticos, em que o diálogo e a autonomia para tomada de decisões prevalece. Junto a isso, as práticas de *mecanismos de controle* e, posteriormente, *dispositivos de segurança*, dificultaram em muito o diálogo e as relações interpessoais profissionais, uma vez que múltiplas relações — mesmo no ambiente escolar — tornam complexa a prática docente, uma vez que o *mundo relacional rico* é difícil de ser administrado (FOUCAULT, 2004).

A identidade do educando é constituída de forma democrática quando este é inspirado por um ambiente em que o conhecimento, a sabedoria, as experiências e o convívio é compartilhado, em que o diálogo e a escuta são essenciais. A ideia de *bem comum*, por exemplo, expõe-se sobremaneira, pois o ambiente democrático promovido na Escola Sesi Montenegro reforça a ideia de pertencimento, de acolhida

e conjuga com o *nosso* em vez de *meu*. A composição de atividades visando a experiência do diferente, auxilia e dá margem para que o educando compreenda-se melhor e, a partir disso, reflita essa compreensão de si na compreensão das diferentes culturas e das diferentes formas de expressão das diversas subjetividades.

O planejamento é sempre um desafio, pois requer comprometimento de inúmeros *atores educacionais*, cada um com seu papel, mas todos com igual relevância no processo educacional (TRAVERSINI et al., 2012). Por vezes, os horários formam um quebra-cabeça a ser resolvido pelos inúmeros educadores envolvidos na formação integral dos educandos, com planejamento conjunto que se inicia, de forma geral, em cada trimestre, e se reflete semanalmente, no planejamento mais específico. Ao perceber que é possível unir educadores de diversas áreas e componentes diferentes, com inúmeros descritores específicos e concernentes a cada área do saber, os próprios educadores percebem-se e colocam-se em uma posição de aprendizagem, de modo que horizontalizam-se, democraticamente, com os educandos.

Adicionalmente, há um enorme enriquecimento da *formação diferente*, pois os educadores reinventam-se ao dialogarem com outras áreas, promovendo uma educação mais integral e desafiadora (ROSA, 2012, p. 18). O trabalho em equipe promovido pela integração de profissionais da educação possibilita que as angústias, as dificuldades, as complexidades e os desafios diários da rotina pedagógica sejam compartilhados, tornando-se mais leves, tirando os educadores da perspectiva isolada, de foco individual (ALMEIDA, 2015).

Além disso, ao tirar os educadores de sua *bolha particular do saber*, compartilham-se experiências, além de mostrar que há respeito, diálogo e aprendizagem também entre os educadores. Desse modo, há uma percepção mais democrática também por parte dos educandos com relação aos educadores, que, enquanto mediadores do saber, consideram os estudantes como partícipes do processo de aprendizagem, em uma organização hierarquicamente mais horizontal. Por fim, vale ressaltar que a experiência da docência compartilhada leva em consideração um processo de autorreflexão dos próprios profissionais da educação, de modo que seja possível repensar o modo como se está atuando no processo de aprendizagem, alternando-se as posições de aprendente e ensinante.

Especialmente no que se refere ao conceito de *democracia* nas escolas, há

que se frisar que a experiência da docência compartilhada na modalidade de dupla ou multidocência é uma atividade extremamente eficaz no que diz respeito à ideia de uma consolidação dos princípios democráticos já na escola. Isso ocorre principalmente porque os estudantes sentem-se representados e contemplados enquanto agentes constituintes do saber, de modo que suas demandas, seus anseios e suas dúvidas são ouvidas e correspondidas pelos mais variados educadores. Adicionalmente, a postura de um professor que se compreende enquanto educador e copartícipe do processo de ensino-aprendizagem aproxima-o muito mais de seus educandos e faz com que este reconheça aspectos que formam tanto a identidade quanto a subjetividade de seus estudantes.

Ao reconhecer os educandos em um processo de formação do que seja a própria identidade em meio a diversas *culturas propriamente juvenis*, reconhece-se que esse movimento e essa experiência também fazem parte do processo de formação integral proposto pela escola. No que se refere a esse aspecto, na Escola Sesi Montenegro é possível não só identificar os processos culturais que envolvem os educandos, mas, de modo especial, reconhecê-los enquanto elementos-chave na formação dos estudantes. Parte disso pode ser abordado por meio da oficina de cinedebate, a qual explicitaremos na seção a seguir, que une as culturas juvenis ao processo de aprendizagem, levando em consideração os desejos, a vontade dos educandos e suas opiniões e sugestões no conteúdo do que é visualizado, bem como nas discussões orientadas após cada sessão.

2. A experiência do cinedebate e uma aproximação com as culturas juvenis

2.1 Afinal, o que são as culturas juvenis?

Mesmo havendo o entendimento das potencialidades existentes num projeto como o da Escola Sesi Montenegro, considerar e privilegiar as *culturas juvenis* na construção de uma proposta pedagógica no âmbito institucional mantêm-se como uma construção desafiadora. Para tanto, dois pontos contribuem para uma prática docente, as quais tendem a atender essas expectativas dentro do contexto explicitado. A *interdisciplinaridade* e a *multidocência* funcionam como ferramentas que aproximam e articulam os interesses da escola junto aos interesses dos

estudantes.

Pensando especificamente na experiência do *cinedebate* em nosso contexto, podemos tecer algumas considerações que certamente a diferencia das atividades semelhantes, desenvolvidas em outras realidades. Além das considerações tecidas na seções anteriores, acerca das particularidades da nossa escola, é fundamental que pensemos justamente no estudante enquanto sujeito autônomo, capaz de participar enquanto protagonista do processo de aprendizagem. E isso implica levar em consideração aquilo que os condiciona enquanto sujeitos aprendentes, adolescentes em processo de formação de identidade, a saber suas *culturas juvenis*.

O que é propriamente *cultura juvenil*? Trata-se de um conjunto de culturas que caracterizam e integram a formação pessoal e profissional, portanto, reflete-se no período escolar. Em uma lógica de formação integral, esse fenômeno ocorre porque, cada vez mais, a demanda social de uma formação mais específica faz com que os jovens passem menos tempo em suas casas, não mais *herdando a profissão dos pais*, ficando, por sua vez, mais propensos ao que aprendem nas instituições de ensino. Entretanto, as culturas dos jovens aparecem quando a escola percebe o lugar destas na formação da subjetividade de cada um. Assim, quando os jovens veem reconhecidas suas formas de expressão cultural e identitária, reconhece-se em grupos e estreita laços, instituindo um tipo de *subcultura* própria, que, muitas vezes, difere daquela cultura que lhes é apresentada pelo *mundo adulto* (GUIMARÃES; MACEDO, 2009).

As culturas juvenis, de certa forma, fazem com que os jovens se identifiquem em uma espécie de *tribo*. De um ponto de vista metafórico, a *tribo* representa um microcosmo cultural, de valores, lugares, ideais que se mostram em diversas experiências sociais (MAFFESOLI, 2006). Os grupos que se identificam por meio da expressão cultural — música, dança, filmes, seriados, literatura, vestimenta etc. — ligam-se por meio do reconhecimento do que chamamos de *totens contemporâneos*, também manifestados pela religião, pelo futebol e/ou as festas em geral. Outro aspecto do *tribalismo juvenil* é que essas culturas são muito dinâmicas, voláteis, fazendo com que alguns membros de determinados grupos compreendam-se e coadunem-se com seus pares, assim como desfaçam tal associação e formem outros grupos em um curto período temporal (MARCON; BORTOLAZZO, 2013).

Em termos de atualização educacional, a escola que não reconhece as culturas juvenis como elementos fundamentais e vinculados ao processo de

aprendizagem dos educandos marcha a contrapelo do fluxo cultural, social, pedagógico e filosófico. Na Escola Sesi Montenegro, o objetivo é sondar e utilizar o [re]conhecimento dessas formas de expressão de culturas juvenis em prol da aprendizagem de cada um, de forma individual, uma vez que se percebe que a escola é o espaço de excelência para a promoção de alguns suportes para o estabelecimento dos jovens no desenvolvimento de seus projetos pessoais e profissionais (MARTINS; CARRANO, 2011). Compreender as marcas identitárias e de diferenças de cada sujeito no meio escolar é essencial para um bom andamento educacional; fazer isso por meio de atividades que valorizem e tirem da obscuridade e da invisibilidade as culturas dos jovens é fenomenal e altamente lucrativo do ponto de vista pedagógico.

As marcas simbólicas em um grafite aventado por um educando em uma discussão de Filosofia ou Sociologia, uma música elencada em uma redação das referidas disciplinas, uma coreografia de dança de um novo grupo de música pop coreana (*K-pop*) ou de uma nova variação do *passinho do romano*, se canalizadas, são formas de expressão de identidades, e não lazer e descomprometimento com o processo de aprendizagem. Ao dar visibilidade para os elementos constituintes do universo do jovem, dá-se visibilidade para o que seja o próprio jovem contemporâneo, instituindo-se um ambiente mais democrático no espaço escolar.

O fato de querermos, enquanto educadores e enquanto instituição de ensino, firmar os educandos na possibilidade de serem inseridos no *mundo do trabalho*, adentrando ao mercado deste, jamais pode barrar as inúmeras possibilidades de o jovem tentar expressar-se e, nessa expressão, formar-se enquanto sujeito. Além disso, a possibilidade de os alunos poderem trazer elementos culturais que os constituem em sua caminhada pedagógica, formativa e educacional, abre espaço para que a diferença social, econômica e questões de inclusão/exclusão no meio social por conta destes fatores tornem-se visíveis e sejam vistas como realidade. Desse modo, compreendemos os jovens não apenas enquanto *repetidores* de determinada cultura, mas como *produtores* de culturas, de modo que a espalham em suas experiências sociais expressadas coletivamente, uma vez que a juventude é um período existencial próprio, que difere da infância e da fase adulta (PERONDI, 2013; 2014).

2.2 O relato de experiência da atividade do cinedebate

Com isso, o *cinedebate* surge, desde sua gênese, como um *projeto* produzido *por* e *para* os educandos, num espaço que extrapola o espaço da sala de aula. A atividade de cinedebate une, pois, práticas culturais locais e internacionais no que diz respeito à idealização e à formação identitária de cada educando da escola, uma vez que trata de promover a educação usando a realização audiovisual que parte dos próprios educandos. Por meio de encontros *semanais*, a atividade transcende os períodos que correspondem a cada componente curricular (no caso da *filosofia* e *sociologia* a carga horária semanal é de 1h40min, equiparando-se a *tradicionais dois períodos semanais*), o que possibilita ampliar o processo de ensino e aprendizagem, utilizado todos os espaços disponíveis na escola, com a intenção de afirmar o protagonismo do estudante enquanto regente de sua própria aprendizagem.

Enquanto protagonistas, os estudantes definem os *vídeos* (longas-metragem, curtas, séries, animações etc.) que serão trabalhados na semana, a partir de duas vias: a) por entenderem que o *filme/série/documentário* diga respeito a temas que despertem suas curiosidades e que deem margem para um reflexão por meio de debate; b) e por escolherem temas geradores, tais como *feminismo, política, racismo, desigualdade, tecnologia, bullying*, para então pensarmos quais produções poderiam funcionar enquanto representação de determinado fenômeno social. Dentro do período semanal, o *cinedebate* dispõe de 1h30min, nas quintas-feiras, para sua execução. Portanto, quando eleitos *filmes* de longa-metragem, é necessário dividir os encontros em duas sessões. A partir do momento em que os vídeos iniciam, programamos para que sobre, no mínimo, 20 minutos para discussão, ao final de cada encontro. Cabe destacar que essa organização prévia não impede que haja interrupções durante as apresentações — até porque a tecnologia nos permite pausar e retomar os vídeos ao nosso bel-prazer. Privilegia-se, nesses casos, que os questionamentos e as reflexões sejam trazidas pelos estudantes a qualquer momento, independentemente se as indagações ocorrem *no meio de uma cena*.

Desde o início, foram assistidas diversas películas, que versam sobre os mais variados temas. O primeiro deles foi o episódio de *Black Mirror*, intitulado *White Bear*, que nos permitiu refletir sobre as *redes sociais* em tempos de *hiperconexão*. A partir disso, os estudantes foram desafiados a propor os vídeos, os quais

entenderiam que pudessem contribuir para a proposta dos encontros. No segundo encontro, os jovens discutiram política com base em um episódio de *House of Cards*, série que retrata os bastidores e as corruptelas presentes no *modus operandi* da política norte-americana contemporânea, com os papéis dos lobbies, a mídia e os partidos políticos.

No terceiro encontro, projetamos o documentário *Contra a parede*, que apresenta a cultura do grafite em contraste à prática do *picho*, com relatos de experiência de adeptos a ambas as práticas e questionamentos acerca dos impulsos de cada um para adentrar no universo de representação imagética e simbólica com uso do spray, assim como alguns questionamentos sociopolíticos sobre o tema. Aqui, discutiu-se, por exemplo, sobre a possibilidade de fazermos atividades de grafite dirigido por um profissional, que culminou em uma oficina de grafite com uma fala de um grafiteiro, que está sendo organizada por nós e será realizada no próximo mês, na escola. Além disso, os estudantes foram desafiados a pensar no quanto essas mensagens ajudam a compor um *imaginário coletivo*, e que não necessariamente trazem consigo uma mensagem racional, mas sim, permitem que os jovens *estejam juntos* através de uma manifestação cultural (MAFFESOLI, 1995).

No quarto encontro, dividido em dois momentos, novamente por indicação de um dos membros cativos do grupo de cinedebate — identificado, aqui, como *Pedrinho* —, assistimos o longa-metragem de animação, *A viagem de Chihiro*, uma obra-prima do anime japonês contemporâneo, aclamado pela crítica por ser um filme dito *infantil*, mas que discute questões como a do poder da imaginação, o descrédito do mundo adulto sobre as questões da infância, a empatia e o reconhecimento ético por crianças, a cultura e a mitologia japonesas. No quinto encontro, também dividido em dois momentos semanais, assistimos o primeiro volume da trilogia de *Matrix*, que suscitou inúmeras reflexões e gerou dúvidas acerca de nossa organização social, sobre o fato, inclusive, de vivermos ou não em uma constante emulação de uma realidade virtual. Destacamos que, nesse encontro, um dos educandos — identificado, aqui, como *Joãozinho*, que, apesar de sua dificuldade inicial em se expressar publicamente, tem se destacado sobremaneira em suas atuações nas aulas de Teatro — expôs para os demais colegas envolvidos na atividade que há muito conhecimento em filmes de ficção científica, liderando as discussões dos mais variados tópicos gerados pelo filme que muito lhe agradava e por ele havia sido indicado.

No sexto encontro, dividido em duas semanas por também ser um longa-metragem, assistimos o clássico *Blade Runner*, que trouxe à baila a discussão acerca da possibilidade de vivermos em um mundo que, dentro em pouco, poderá ser habitado por *replicantes*, isto é, seres humanoides com inteligência artificial capaz de equiparar-se à humana. Nesses dois encontros, alguns outros educandos participaram ativamente das discussões e expressaram satisfação em tratar de temas que ligam a outro componente promovido pela Escola Sesi Montenegro, a saber, a *robótica*, enfatizando alguns conteúdos abordados em aula e as inúmeras possibilidades a serem exploradas pela programação e a automação. Houve, novamente, participação ativa e efusiva de *Joãozinho*, que retomou sua hipótese de que há muitos conceitos filosóficos e sociológicos envolvidos em filmes de ficção científica, que lhe agradam muito.

Por fim, nos dois últimos encontros do sétimo encontro, novamente, *Pedrinho* sugeriu um filme que tratava de uma história de bullying com uma personagem surda que estudava em uma típica escola japonesa. A animação expõe a realidade de uma menina, posteriormente retratada em sua adolescência, constantemente satirizada e violentada verbal e fisicamente pelos colegas pelo simples fato de ser surda. O foco é dado a um dos personagens, que, na infância, era o estivador do bullying com esta e outras personagens, mas que, na fase de adolescência tenta redimir-se aprendendo língua de sinais, desculpando-se e firmando amizade com a personagem. A culminância se dá em uma tentativa frustrada de suicídio dessa personagem, que é salva pelo então rapaz, que sofre um acidente ao tentar salvá-la, ferindo-se gravemente. Não é preciso dizer que houve inúmeras interações e pausas no vídeo a todo momento para discussão do grupo sobre os conceitos que pipocavam sobre a realidade em escolas convencionais e de como é difícil superar traumas da infância.

Considerações finais

Falar de perspectivas de educação nem sempre é uma tarefa animadora, pois ao tratar de relatos de experiência, normalmente ocultamos os problemas e as dificuldades envolvidas no processo. Entretanto, no presente relato e na reflexão que aqui fazemos, a quatro mãos, tentamos realmente expressar aquilo que sentíamos com relação às atividades propostas no cinedebate, seja do ponto de vista de

educador, seja do ponto de vista acadêmico. Assim, aproveitamos esse momento final para esclarecer, de modo sintetizado, alguns elementos que possibilitaram a consecução da atividade e do presente estudo.

Na primeira seção, apresentamos alguns elementos que caracterizam a Escola Sesi Montenegro, especialmente no que tange às atividades de multidocência, que se realizam com diferentes componentes de saberes variados. No caso da experiência ora relatada, explicamos como o diálogo entre diferentes disciplinas, nomeadamente, Filosofia e Sociologia, foi essencial para a promoção de um ambiente mais democrático, em que as vozes dos estudantes puderam ser escutadas com maior atenção. Também apresentamos como a participação dos educandos no processo de aprendizagem foi elementar, assim como na percepção de sua relação com os educadores, que permitiu que estes progredissem conceitual, existencial e cognitivamente.

Na segunda seção, mostramos, de modo especial, a atividade de cinedebate propriamente dita, assim como uma melhor explicação do que sejam as culturas juvenis, reconhecidamente definidas como parte integrante e fundamental do processo de aprendizagem na Escola Sesi Montenegro. Com base no exposto nesta seção, foi possível apresentar a importância de se reconhecer aspectos culturais que expressam elementos da identidade de cada educando como pertinente à própria educação dentro e fora do ambiente escolar. Assim, o *lugar do jovem* foi reconhecido e enfatizado no *cinedebate*, atividade na qual os estudantes puderam expor seus gostos cinematográficos, por meio de animações, documentários, longas-metragens e seriados e perceber a implicação destes na tarefa de autoidentificação e posterior ligação desse movimento à própria formação.

Ressaltamos que a atividade do cinedebate foi imprescindível para que inúmeros educandos percebessem sua *voz ativa* na participação do processo de aprendizagem. Foi notório no discurso dos próprios educandos que, quando eles perceberam que poderiam ser protagonistas de seu próprio desenvolvimento educativo, começaram a participar e propor de forma mais consistente também nas aulas. A experiência da multidocência, unida às culturas juvenis e à proposta de promoção de discussões e debates que refletiam acerca de questões que dizem respeito à realidade de cada educando, foi ímpar no desenvolvimento dos estudantes até então, que se apropriam e utilizam cada vez mais o espaço educacional, de modo a compreender seu espaço, sua vez e seu fazer em um

ambiente democrático que respeita seus gostos, seus anseios e suas mais variadas formas de expressão identitária.

De forma final, mas não menos importante, ressaltamos que a aprendizagem promovida na escola com propostas como esta faz com que o saber transcenda não apenas as diferentes áreas do conhecimento, mas o próprio ambiente escolar, fazendo diferença na vida de cada estudante e ajudando-o a desenvolver-se enquanto ser humano mais capaz, um sujeito melhor resolvido consigo mesmo e um ser humano mais aberto às diferenças, empático, com capacidade de não apenas reconhecer o outro, mas de respeitá-lo e defender-lhe no direito de sê-lo como tal.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Luciana Rocha de. **Docência compartilhada**: do solitário ao solidário. 2015. 62 f. Trabalho de Conclusão (Pedagogia) -- Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/12964>>. Acesso em: 27 jun. 2017.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 1989.
- _____. **Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. **A Contemplação do Mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- _____. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense, 2006.
- GUIMARÃES, Gilselene Garcia; MACEDO, Juliana Gomes de. Culturas juvenis: uma ressignificação contemporânea? **Travessias**, v. 3, n. 2, p. 1-18, 2009. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3359/2650>>. Acesso em: 3 jul. 2017.
- MARCON, Carla Simone Corrêa; BORTOLAZZO, Sandro. Ser ou pertencer? Comportamento e cultura juvenil. **Textura**, v. 15, n. 29, p. 32-42, set./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/915/718>>. Acesso em: 3 jul. 2017.
- MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Educação**, v. 36, n. 1, p. 43-56, jan./abr. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/2910>>. Acesso em: 3 jul. 2017.
- MOREIRA, Viviane Costa. **O trabalho do coordenador pedagógico para promoção de um ambiente escolar democrático**. 2013. 55 f. Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização (Especialista em Coordenação Pedagógica) - Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/8032/1/2013_VivianeCostaMoreira.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2017.
- SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA - SESI. **Projeto político-pedagógico escola Sesi Montenegro**. Montenegro: Fiergs, 2017.
- SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA - SESI. **Articuladores**: tecendo projetos de vida. Pelotas: Fiergs, 2017.
- PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia diferenciada**: das intenções à ação. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- PERONDI, Maurício. **Narrativas de jovens**: experiências de participação social e

sentidos atribuídos às suas vidas. 2013. 259 f. Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, RS, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/72693>>. Acesso em: 3 jul. 2017.

_____. **Culturas juvenis na ótica da educomunicação**. Brasília: EDB, 2014.

ROSA, Kelly Rodrigues da. **Docência(s) compartilhada(s)**: como pensar a docência compartilhada na Educação Infantil. 2012. 28 p. Trabalho de Conclusão (Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/55700>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

TRAVERSINI, Clarice Salete. Processo de inclusão e docência compartilhada no III Ciclo. **Educação em Revista**, v. 28, n. 2, p. 285-308, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v28n2/a13v28n2.pdf>>. Acesso em: 9 jun. 2017.